

**ESTADO DA TÉCNICA****João Caraça**

Director do Departamento de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian

# A OCDE no sapatinho das universidades

**G**uiados pela estrelinha da globalização, quais reis magos transfigurados, os avaliadores da OCDE trouxeram de presente às universidades e politécnicos seis dezenas de recomendações quanto ao caminho a seguir para prepararem o futuro (relatório disponível em [www.mctes.pt](http://www.mctes.pt)). Ou seja, ofereceram dez recomendações *per capita*, muito mais do que os reis magos, evidentemente, porque os tempos se querem de uma outra eficiência. Porém, no pacote não se vislumbra nem ouro, nem incenso, nem mirra.

Não é a primeira vez que o País recorre às avaliações da OCDE como instrumento de reorganização e de reforma institucional. Recordo-me, em particular, das duas avaliações que o Governo solicitou à OCDE sobre a situação do sistema

científico e tecnológico português e as suas perspectivas quanto ao futuro. Os seus resultados foram publicados, respectivamente, em 1986 e 1993. O que os avaliadores da OCDE de então recomendaram de essencial foi o seguinte: (1) a estratégia nacional [para a ciência e tecnologia] parece precisar de mais coerência, quer em termos financeiros quer administrativos; e (2) a actividade do sistema científico e tecnológico [português] está a ser financiada substancialmente pelas Comunidades Europeias (a União Europeia de então), o que provocará dificuldades em termos do seu planeamento e estabilidade futuros. Todos o sabiam (ou passaram a saber), mas o sistema continuou na mesma, até hoje.

Esperemos que igual sorte não tenha esta avaliação. Primeiro, porque o ensino superior é uma pedra essencial da estabilidade da so-

cidade portuguesa no confronto comercial e político trazido pela nova ordem da globalização. Segundo, porque agora todos sabemos que é preciso preparar um outro futuro para o sistema do ensino superior, que não esteja radicado apenas nos pressupostos da modernização industrial do século passado.

**É preciso ir mais além que as recomendações dos avaliadores da OCDE: não há no seu relatório nenhuma menção explícita à necessidade de criar uma universidade de investigação em Portugal**

Em terceiro lugar, porque é preciso ir mais além do que as recomendações dos avaliadores da OCDE: não há, no relatório, nenhuma menção explícita à necessidade de criar uma universidade de investigação (*research university*) em Portugal. Bem sabemos como as universidades de investigação americanas, e as suas émulas europeias, têm um papel determinante na atracção dos recursos humanos qualificados que constroem a sociedade da informação e do conhecimento. Porém a este respeito – uma universidadezinha de investigação, só – nada! Como decerto não foi esquecimento, depreendo que a OCDE não considere este assunto relevante. Cabe a nós, portugueses, o direito e o dever de o debater e de o esclarecer. Porque é fundamental que tudo não continue a ficar na mesma. I